

**CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA**  
**A CINEMATECA COM O DOCLISBOA – CARLOS REICHENBACH**  
**10 e 14 de Outubro de 2022**

### **EQUILÍBRIO E GRAÇA / 2002**

*Um filme de Carlos Reichenbach*

Realização e Argumento: Carlos Reichenbach / Fotografia: Jacob Solitrenick / Com: Plínio Soares, Masamitsu Adachi, Luciana Brites

Produtoras: Sara Silveira e Maria Ionescu / Cópia em 35mm, colorida, falada em português, legendado electronicamente em inglês / Duração: 12 minutos / Inédito comercialmente em Portugal.

### **O IMPÉRIO DO DESEJO / 1981**

*Um filme de Carlos Reichenbach*

Realização, Argumento e Fotografia: Carlos Reichenbach / Direcção Artística: Conrado Sanchez / Som: Orlando Macedo / Montagem: Gilberto Wagner / Interpretação: Roberto Miranda (Nicolau), Benjamin Cattan (Carvalho), Márcia Fraga (Lucinha), Meiry Vieira (Sandra), Orlando Parolini (Enrico di Branco), Nadia Destro (Mista), Jose Luiz Franca (Odilon), Dino Arino (Pinocchio), etc.

Produção: Galante Filmes / Produtor: Roberto Galante / Cópia em 35mm, colorida, falada em português, legendado electronicamente em inglês / Duração: 110 minutos / Inédito comercialmente em Portugal.

\*\*\*

Dois filmes de momentos bastante distintos na carreira de Carlos Reichenbach. **Equilíbrio e Graça** é uma curta-metragem bastante simples, que Reichenbach associava a **Olhar e Sensação**, que embora com um âmbito diferente também punha o foco na observação, quase contemplativa, de formas. Neste caso, ao contrário desse filme, são formas humanas, vistas “em abstracção” mas também postas numa paisagem geográfica. É um filme calmo, sereno, cheio de referências ao budismo (que era algo importante para Reichenbach), o que comporta, certamente, as marcas de uma espécie de reencontro brutal com a vida – foi o primeiro filme do realizador depois de um acidente cardio-vascular.

Quanto a **O Império do Desejo**, está em pleno território das “porno-chanchadas” feitas na Boca do Lixo, com um produtor (Roberto Galante) com quem Reichenbach muito colaborou, e uma série de actores que o autor “transportaria” para vários dos seus filmes posteriores e que constituem, portanto, um núcleo com que Reichenbach dispunha de grande cumplicidade. Ocasão de lembrar o que o realizador dizia sobre a liberdade deste tipo de produções: desde que se espalhasse pelo filme umas boas porções de nudez e de sexo, podia-se fazer o que se quisesse. **O Império do Desejo**, adoptando uma espécie de “subtexto” que não deixa de reflectir o contexto político (ainda a

ditadura), é exactamente isso, mas de forma bastante inteligente. É como se o próprio género do filme erótico fosse “criticado”, e depois desviado e posto ao serviço de um olhar realmente subversivo sobre o próprio sistema (da produção aos espectadores) que gerava este tipo de filmes. O sexo e a nudez abundam, mas são filmados com uma frieza e uma distância (há quem não tenha pejo em chamar-lhe “brechtiana”) que desfazem qualquer fusão irreflectida com os trâmites do género. A própria exploração do corpo feminino – obviamente crucial nestes filmes – é evocada e irreflectida à luz de ideias feministas, explicitamente expostas em pleno acto sexual, de uma forma que questiona o próprio “voyeurismo” do espectador. O “subtexto” torna-se “texto”, e de maneira totalmente literal, sejam pelas “récitas” das personagens sejam pela quantidade de fragmentos textuais que Reichenbach espalha, visualmente, pelo seu filme – que nesse sentido, e por estranho que possa parecer, lembra sobretudo os filmes de Godard no final dos anos 60, época de **La Chinoise**.

Luís Miguel Oliveira